

Cinearte

A TELA EM REVISTA

30 — XI — 1927

RIO DE JANEIRO

ODEON:

"Resurreição" (Resurrection) — Inspiration U. A. — Produção de 1927.

Nós, os "fans", criaturas que vibrámos ao mais leve sopro da sétima arte; nós, os eternos apaixonados do Cinema, arte sem par, que vivemos para admirar a evolução tremenda desta arte que, com o seu poder, vem esmagando todas as outras; nós, que damos um salto, na cadeira, quando vemos um detalhe maravilhoso, um toque formidável da direcção; nós, que applaudimos com calor, com entusiasmo, o espírito humorístico de certos films, os "gaga" impressionantes, às vezes; nós, estamos de parabéns! Estamos de parabéns, repito! "Resurreição", é um film extraordinário. Lembro-me, ainda, bem, de que Edwin Carewe, o seu prodigioso director, levou muita cacetada. Nós o achavamos fraco. Pertencia à classe de mediocres. No entanto, "Resurreição" elevou-o ao nível dos seus collegas mais altos.

Este film, já deve ter sido criticado pelo meu estimado collega A. R. Portanto, excusava-se de fazer outra apreciação. No entanto, como li o romance, desejava ardentemente, dizer alguma coisa sobre este film. O que pretendo, sobretudo é pôr, mais uma vez, em evidencia, o poder do Cinema, o sua innegável superioridade sobre todos os outros pontos em que residia uma restea de arte. Eu amo o Cinema. Muitos não o amam: além disso, ultrajam-no. E' preciso que nós, os "fans", defendamol-o. Seja!

Meus amigos. Leon Tolstoi, o maior dos escriptores russos, certamente, estudou, em todas as suas faces, o problema da dor humana. Os seus romances, são extraordinários. Cito, particularmente, "A Sonata de Kreutzer" e "Resurreição". A sua maneira de encarar os maiores problemas de uma alma humana, o seu toque extraordinário nos fantoches que representam o seu drama, a crueza das suas palavras, tornaram-no, innegavelmente, um dos maiores escriptores do mundo. Aliás, nesta cousa de estudar almas humanas, aprofundá-las, dissecá-las, eu aprecio, também, particularmente, Victor Hugo. No entanto, Tolstoi é mais profundo. E' mais real. Não concebe um homem que não seja terrificamente... homem.

E é, em parte, razoável. Uma mulher bonita, seductora, formosa, começa enternecendo o homem com a sua belleza singela, mas acaba, finalmente, tornando-o louco de luxuria, sequioso dos seus beijos apaixonados. E assim é que elle estuda as criaturas. A mulher dos seus romances, é, geralmente, a mulher real. A mulher que soffre. A mulher que se sacrifica aos caprichos os mais cruéis do destino. A mulher que, precisa dos carinhos do seu amante, desejando fugir delles, no entanto. A mulher real, e não as outras, cheias de volupia, carregadas de desejo, que muitos escriptores menos profundos e menos estudiosos, desejam que sejam as reais criaturas humanas. "A Sonata de Kreutzer" é grande. Grande, porque o seu entrecho contém paginas de real belleza. "Resurreição", neste concernente, também o é. No entanto, "Resurreição", tem muita these. Tolstoi, nelle, estuda e critica, certos costumes dos russos. O seu carolismo malvado, as suas virtudes abandonadas, sempre, em vis alcouces. Emfim, traça uma critica severa aos costumes dos russos no tempo do Czar.

E é por isso, que o seu romance "Resurreição", tem paginas muito enfadonhas. Ha muita descripção, muito detalhe dispensavel, muita descripção cacete, que aborrecem e nos afastam do fio estupendo da historia. No entanto, quando o seu talento nos leva para o lado de Katusha Maslova ou de Dmitri Nekhludov, ahí é



que temos oportunidade de ver o admirável modo de tratar as personagens, que elle tem. E como elle sabe desenvolver as scenas as mais dramaticas! Dmitri jovem. Ama, ama, ama, com suavidade, com a ternura de um coração puro. Dmitri moço. Os prazeres. Paixões e mais paixões. Coração corrompido, volta. E então, já não vê em Katusha, a pura florzinha que elle amava com pureza. Deseja-a. Não a ama. Aquella sua pelle morena. O morno do seu bafo. O negro dos seus olhos rasgados. Tudo. Tudo. E consuma-se a catastrophe. Repetindo a historia tantas vezes contada, elle a abandona, não pensa mais nella. Até aqui, um tanto vulgar. Mas elle se redime. A sorte colloca-o diante della, novamente, e em circumstancias tragicas. A dor, a devassidão, a quasi-loucura, que se espelha no rosto de Katusha, tornam-no bom. Elle, só então, comprehende a maldade, a cruel maldade que commettera. Deseja vingar-se. Vingar-se de si proprio. E assim o faz. Acompanha-a à Siberia. Vae em promiscuidade com os demais scelerados. Soffre horivelmente. O seu coração, vive confrangido. Os seus cabellos, encanecem-se. A sua alma, sangra horivelmente. Deseja desposar-a. Quer remediar o mal feito outr'ora. Quando poderia tel-a como esposa, só delle, ardente, apaixonada, com o filhinho ao collo, não a quiz. Fugiu covardemente, miseravelmente. Agora, tão tarde... é que elle a quer mais. Mansamente, como se ama a um idolo. Mas Katusha, apesar de tudo, ainda tinha na sua alma aquella sua bondade de outr'ora. Não o quer corromper, casando-se com elle. E segue, sózinha, para o degredo perpetuo, deixando-o, sózinho, solitario, immerso, profundamente, na sua grande, eterna dor. E que soffrimento profundo o daquelle coração tão tocado pela "Resurreição".

Não é grande o seu entrecho? Não é extraordinário o seu estudo?

Tolstoi, no seu romance, é muito real. Edwin Carewe, não o pôde ser tanto no seu film. Aquelle descreve, com sinceridade demasiada, a vida publica de Katusha, os seus soffrimentos, pondo em relevo o quanto soffrem essas pobres criaturas tão desprotegidas da sorte. Mas o film, não podia ser tão sordido. Isto revoltaria, não aos sinceros, mas aos hypocritas, e como o mundo está tão cheio delles, não se podia, realmente fazer um film tão artistico, para ficar archivado nas prateleiras da fabrica productora. Depois, uma scena apenas seria mais forte do que um livro todo... Mesmo aquella sua passagem pela casa de alguns camponeses, para trabalhar honestamente, depois de expulsa e depois da morte do seu filhinho, com aquella constante perseguição dos seus patrões com propostas as mais deshonestas, não apparece no film ou a censura cortou... A nossa censura é muito carola...

Aquelle detalhe do philosopho a pregar cravos naquella sóla, é cousa unica! E como resceende á amargor! Aquelle outro na prisão, quando Katusha segura-se nas grades e depois as mesmas se transformam em cruz... O Cinema moderno não admitte estas transformações, mas é tão grandioso que se perdoa!

E como o Cinema sabe ser delicado! Aquelle simples olhar magoadado de Katusha á imagem de Nossa Senhora, Mãe... quanto não diz e quanto não explica do drama que se desenrolara antes!

As superposições de imagens, levam o espectador á leguas, sem o dispendio de um segundo. Só mesmo o Cinema. No entanto, "Resurreição" é um film que precisa ser assistido com o pensamento alerta. Nada de desprecupações e pouca attenção. E' preciso estar attento.

Eu acho que a censura fez muito mal de ter cortado os beijos deste film. Explicariam muito aquelles beijos! Sim, porque antes eram ternos. Afogueadíssimos, depois! Mas a censura, sempre a censura!

Pois, meus senhores, eu confesso que "Resurreição" embasbacou-me. Fiquei boquiaberto. Estupefacto. E' um dos maiores films que tenho visto. Tem argumento, direcção, interpretação e um ambiente tão exacto que surprehende! Não o percam em hypothese alguma!!!

Deixei, muito de proposito, a interpretação para o fim. Aliás esta se resume, toda em Dolores Del Rio e Rod La Rocque.

Dolores, em "Sangue por Gloria", não foi mais do que uma mulher seductora, terrivelmente cheia de "it", que vivia óra nos braços de Flagg, ora nos de Quirck. O typo da volúvel! Bom desempenho, por certo. Linda, também. Mas eu não a julgava tão artista! Confesso, que com este film, Dolores mostra-se á qualquer um, uma artista como poucas. Creio mesmo, que sómente umas tres, se tanto, poderão, actualmente, representar como Dolores representa. Ha tanta verdade nas suas expressões, tanta verdade, que soffremos quando ella soffre, rimos quando ella ri, oramos quando ella ora... Que artista! Não é mais "Charmaine", é "Katnha". Não tem só "it", tem arte e a sua arte é deslumbrante. Suplanta o trabalho magnifico de Rod, o seu! Em "Sangue por Gloria", sentiamos desejos de sermos Victor Mac Laglen ou Edmund Lowe. Em "Resurreição", respeitamol-a no seu soffrimento. Esquecemo-nos, quasi, de que ella tem um lindo corpo e uns olhos que queimam. Lembramo-nos, apenas, que é uma artista estupenda. Linda quando creança, moça, pura. Horivelmente devassa, quando é apresentada naquella tribunal. Que expressão de deboche e de dor!!! Eu confesso que senti um arreio pela espinha! Que expressão! Parece outra! Não cremos que seja a mesma. Olhar duro. Bocca contrahida em rictus canalha. Cabello desgrehado. A's vezes, um sorriso mercenario... Depois, na prisão, quando bebe, fuma e dança, para esquecer, está medonhamente extraordinaria. Outrosim quando reconhece Dmitri! Acho que está tudo dito.

Rod La Rocque... Que differença do Rod dos outros films! Especialmente quando, ainda ha dias, vimos o seu "O Filho do Corsario"... E' preciso que De Mille o comprehenda melhor. Está provado que é um artista consumado. Não é só direcção que o torna apto. E' a sua intelligencia que trabalha, também. Está, mesmo, tão differente, tão artista, tão compenetrado do seu papel, que chega a parecer outro. A mudança que apresenta, do rapaz innocente para o moço voluptuoso, é memoravel. Outrosim, a de moço ardente para o de homem maduro e experimentado e de homem experimentado para homem soffredor.

Às vezes não é boa a sua caracterização e